



PEIXARIA SILVEIRA
**Pescado
 açoriano
 temperado
 com
 inovação**

página 7



BISCOITOS
**Na mesa
 para os
 turistas
 há verdejo,
 história e mar**

página 3



GRATER – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 42 . junho/2022 • grater@grater.pt • www.grater.pt • www.facebook.com/grater.pt • distribuição gratuita

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



PRORURAL+

Governo dos Açores

PORTUGAL
2020

UNião Europeia
 Fundo Europeu Agrícola
 de Desenvolvimento Rural
 A Europa investe no seu futuro

TIAGO PITTA E CUNHA,
 DA FUNDAÇÃO OCEANO AZUL

O AZUL E O VERDE DOS AÇORES JÁ VALEM OURO

O administrador executivo da Fundação Oceano Azul, Tiago Pitta e Cunha, explica, em entrevista, o valor do capital natural açoriano em domínios como o turismo ou a economia do mar. A Natureza do arquipélago já venceu lá fora. páginas 04 e 05





DIEGO AGUIAR
Tesoureiro do Conselho de
Administração da GRATER

EDITORIAL

É com muito orgulho que inicio a minha jornada como diretor da GRATER. Sinto-me verdadeiramente honrado de pertencer a uma entidade que embora seja relativamente jovem já se encontra recheada de capítulos de sucesso que tanto contribuíram para apoiar os habitantes e empresas das ilhas Terceira e Graciosa. É com muita vontade que pretendo me integrar nesta equipa o mais rápido possível de forma a conseguir dar o meu sincero contributo para o contínuo progresso desta entidade. Prevejo anos de muito trabalho, mas que certamente, com a ajuda dos excelentes profissionais que trabalham e dão a cara pela GRATER, serão anos prazerosos e de muita aprendizagem.

A abordagem LEADER criada em 1991, ficou caracterizada por ser uma abordagem inovadora, contudo assentou que nem uma luva na Região Autónoma dos Açores. De fato para quem se interessa e estuda ao pormenor o LEADER, fica com a ideia que esta abordagem foi feita para os Açores e os Açores para o LEADER. Os projetos de desenvolvimento rural da nossa Região baseados nessa abordagem e administrados pelos Grupos de Ação Local, tiveram e continuam a ter extrema importância no desenvolvimento da economia dos Açores, na fixação da nossa população e no aumento do interesse e do fascínio por parte de turistas que nos visitam durante os 365 dias do ano.

Desta forma, a GRATER, Grupo de Ação Local responsável por administrar e apoiar projetos, empresas e entidades na Terceira e na Graciosa, continuará a sua missão de tornar os sonhos dos habitantes destas duas ilhas realidade, contribuindo para progresso das mesmas. De fato, nestes 27 anos de existência da GRATER, e com o seu apoio, foram centenas de empregos criados de forma direta e indireta nestas duas ilhas. Foram inúmeros os investimentos nas zonas rurais e costeiras que contribuíram para embelezar ainda mais o território, apoiar a população, e preservar e valorizar o nosso património.

Infelizmente estamos e vamos continuar a ser penalizados em certos aspetos por estarmos distantes de territórios continentais. Contudo um otimista vê uma oportunidade em toda a dificuldade. É com este pensamento que teremos que continuar a querer crescer. Olhar o mundo rural como uma oportunidade é essencial, e para isto podem contar comigo, podem contar com a GRATER.

OPINIÃO

SANJOANINAS: as maiores Festas dos Açores estão de volta



GUIDO TELES
Coordenador das Sanjoaninas

Depois de um ano em suspenso e de uma edição realizada no modelo possível, atendendo às restrições resultantes da pandemia, as grandes festas do concelho de Angra do Heroísmo voltam às ruas da primeira cidade património mundial reconhecida em território português pela UNESCO.

Este ano o convite é para “respirar fundo e sair a dançar”. O tema escolhido para as Sanjoaninas 2022 foca-se no sentimento do presente e no modo de encarar o futuro.

Celebra-se o regresso à normalidade, àquela tão própria normalidade terceirense. É o regresso do convívio entre as gentes, é o regresso às ruas das mais diversas expressões comunitárias, que de forma tão singular caracterizam o povo terceirense. É o regresso da festa protagonizada

pelo povo. Este ano, depois de uma interrupção forçada, justifica-se, mais do que nunca, homenagear a liberdade de festejar e de conviver.

Mas este ano importa, também, evocar a importância de retirar ilações das provações que atravessamos e de encarar o futuro com um redobrado sentido de responsabilidade, colocando o valor da sustentabilidade no topo das prioridades da nossa ação quotidiana. Saber compreender os sinais que a natureza nos transmite e que evidenciam os efeitos nefastos da ação do homem no ambiente é uma das matérias que merece uma particular reflexão nesta edição das Sanjoaninas.

Esta celebração de São João, que assinala também o solstício de verão, marca o regresso das grandes festas após o período pandémico. A expectativa é, por isso, grande para voltar a ser parte destas grandes festas populares. Nas Sanjoaninas, o melhor da ilha Terceira sai à rua. Durante os dez dias de festa a comunidade mostra, com orgulho, o trabalho que faz ao longo de todo o ano nas mais diversas áreas. É uma montra viva do que melhor se faz na sociedade terceirense.

Entre 17 e 26 de junho, muitos são os motivos para visitar Angra do Heroísmo. Desfiles, marchas, música, gastronomia, etnografia, atividades desportivas, exposições e muito, muito mais. Especialmente este ano, não faltam razões para respirar fundo e sair a dançar!



ESPAÇO ASSOCIADO

JUNTA DOS BISCOITOS A freguesia feita de mar e vinho

A junta de freguesia dos Biscoitos pretende apresentar à GRATER um projeto para modernizar o parque infantil junto às piscinas naturais. O futuro da localidade faz-se de história, vinho e muito turismo, mas não se esquecem as pessoas.

A Junta de Freguesia dos Biscoitos tem muitos projetos que gostaria de desenvolver, ligados ao mar, ao vinho, ao turismo e à história, os ingredientes que tornam a localidade debruçada sobre as ondas única.

“Sabemos das potencialidades que a nossa freguesia tem, nas várias vertentes, quer turísticas, de lazer, culturais, sociais, entre outras. Estamos cientes que alguns dos nossos projetos necessitam de apoio camarário e ou governamental”, explica o presidente da junta de freguesia, Luís Vieira.

Atualmente está a ser preparado um projeto a apresentar à GRATER, para beneficiação e ampliação do parque infantil junto às piscinas naturais dos Biscoitos. “Queremos uma maior modernização do espaço”, resume.

O parque destinado às crianças e às suas famílias é utilizado pela comunidade local. Durante os meses mais quentes, enche-se de gente de todo o lado. “Pretendemos oferecer à comunidade local e a quem nos visita uma melhor imagem, qualidade e segurança, caso o projeto seja aprovado”, reforça o autarca.

O futuro pode trazer muitas coisas mais: “Todos sabemos do potencial que existe nesta freguesia. Devido às nossas especificidades, temos boas zonas balneares, bom vinho, produzido em curraletas de pedra vulcânica, temos história. Resumindo, temos uma beleza paisagística singular”.

O PAPEL DO TURISMO

“Arriscamos dizer que a nossa freguesia é visitada por todos os turistas que visitam a ilha Terceira”. É assim que Luís Vieira responde quando lhe fazem a pergunta sobre o potencial turístico da localidade, onde o mar é como um bom copo de vinho de que se desfruta.

É junto às piscinas naturais que se desdobram as barraquinhas recheadas de produtos caseiros como curtume e doces feitos por mãos sábias, legumes e frutas locais.

A freguesia mostra aos visitantes fortes, trincheiras, igrejas, impérios, ermidas.

“Ficamos a Norte, somos conhecidos pelo nosso microclima, que por vezes nos ajuda a captar mais visitantes nas nossas zonas balneares. Temos o Museu do Vinho da Casa Agrícola



Brum, o vinho de vários produtores particulares e da Adega Cooperativa dos Biscoitos”, descreve Luís Vieira.

Para quem quiser mergulhar no verde, há os “lindíssimos trilhos” do Chambre, das vinhas e da Malha Grande, conta o presidente da junta



de freguesia.

Luís Vieira não concorda que esta seja uma freguesia para admirar de passagem: “Existem excelentes ofertas em empreendimentos turísticos de alojamento, temos vários alojamentos locais, restauração e várias opções de compras diversas, tais como o mercado, a padaria e a peixaria. Ou seja, os Biscoitos, para além de ponto turístico, têm todas as condições para quem nos visita poder ficar a pernoitar”.

Enquanto o turismo vai caminhando, permanecem outras necessidades para desenvolver este território rural. O executivo da junta de freguesia dá “grande importância” à área social, isto é, às pessoas.

“Apesar do apoio já existente em todas as valências exercidas pela Casa do Povo dos Biscoitos, temos necessidade de um espaço para centro de dia e pernoita para idosos e pessoas com mobilidade reduzida ou outro tipo de patologia. Temos carência de um espaço coberto para atividades físicas. Na nossa freguesia, existem vários grupos desportivos que partilham um espaço que fica aquém das necessidades”, explica Luís Vieira.

O futuro que se desenha no horizonte é bom. “Fomos uma das poucas freguesias da ilha Terceira que aumentaram a sua população nos últimos censos. Com as nossas ideias, pretendemos criar mais emprego, mais fixação de pessoas e, assim, dinamizar mais a zona Norte da nossa ilha”, diz Luís Vieira.

ENTREVISTA

TIAGO PITTA E CUNHA, ADMINISTRADOR EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO OCEANO AZUL

“Há uma mudança drástica na perceção do valor dos Açores”

Tiago Pitta e Cunha, administrador executivo da Fundação Oceano Azul, explica como o capital natural açoriano pode revolucionar a economia da região, também no Turismo. Defende que associações como a GRATER são essenciais para lançar o debate.

Já afirmou que os Açores são um “cofre-forte” de capital natural no país. Temos um potencial por explorar?

Sem dúvida. Por vezes, não percebemos o que é que temos. É normal. É como as pessoas, quando têm saúde não conseguem compreender o valor que é terem saúde, só quando a perdem é que dão por falta dela. Num evento em que participei, na Terceira, organizado pela Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo, chamei a atenção dos Açores, fazendo uma comparação com o Algarve. O Algarve é uma região do país que tem bastantes problemas de desenvolvimento, que têm levado a uma enorme delapidação da sua sustentabilidade, da biodiversidade, do meio natural. Toda a gente conhece a questão do desordenamento urbano, de um crescimento desregrado, da destruição dos recursos marinhos, através de pescas excessivas. Os Açores não estão aí. Não têm uma situação de pescas tão periclitante como a do Algarve, não têm o desordenamento urbano do Algarve. Estão, há muitos anos, a tentar criar uma via diferente, com maior sustentabilidade. Isso é um ativo muito grande. São um cofre-forte de capital natural do país, realmente. Isto vale alguma coisa? A Fundação Oceano Azul, no âmbito do programa Blue Azores, em que a Fundação e a Fundação Waitt trabalham com o Governo dos Açores, encomendou um estudo sobre a economia do mar dos Açores à Universidade da Califórnia, que verifica, de facto, as questões do capital natural, incluindo do carbono que é armazenado no mar da região autónoma dos Açores, como muito mais valiosas do que a economia do mar tradicional, de pesca e de transportes marítimos.

Que potencial isso nos traz no Turismo? O caminho para os Açores é a sustentabilidade?

Os Açores, por várias razões, conseguiram evitar o que aconteceu em muitos outros destinos europeus, que, de alguma maneira, levou a essa delapidação do meio natural, muito por



FOTOGRAFIA VITOR MOTA

causa da pressão de um turismo desregrado, de massas. Isso é também um dos principais ativos que os Açores têm para se tornarem uma economia mais rica. Nos Açores caçavam-se baleias e passou-se a promover uma indústria em torno da observação dos cetáceos. Isso criou uma imagem sobre os Açores que é muito mais positiva e cria muito mais riqueza para a região. O mesmo podemos dizer para outras espécies. Um tubarão vivo vale muito mais para o turismo dos Açores do que um tubarão morto vale para o pescador dos Açores. É por aqui que nos devemos orientar. Agora, é importante as pessoas perceberem que essas pressões ainda não chegaram verdadeiramente. Elas vão chegar. As condições climáticas dos Açores não são tão favoráveis como são as condições de outras regiões da Europa mais quentes e com menos chuva. Mas não tenho dúvidas de que essa pressão vai chegar, porque os Açores estão cada vez mais na moda e são cada vez mais falados.

Isso torna muito importante estar ativamente consciente para dizer que não, quando for a altura certa. Tenho a certeza de que os Açores vão ser, mais do que hoje, uma Meca de mergulho na Europa. Essa pressão ainda não chegou verdadeiramente. Os açorianos devem discutir estes temas, para consensualizarem, internalizarem e acordarem seguir um caminho mais inteligente do que outras regiões da Europa.

Como encara os Açores em termos de unidades turísticas e de promoção?

Os Açores não têm de inventar a roda, porque a roda já foi inventada. A roda foi inventada num país, chama-se Costa Rica. Foi inventada nos anos 90. Chama-se turismo ecológico. Penso que é muito em torno disto que os Açores poderiam posicionar-se. A ideia de que o caminho pode ser concretizado através de um projeto de turismo ligado à ecologia, ao meio ambiente, à biodiversidade, ao meio na-



tural. A Costa Rica, nos anos 90, encomendou um estudo a uma universidade americana, a Universidade de Cornell, que desenvolveu toda uma estratégia para o turismo ecológico. Até a saudação que hoje é mais corrente na Costa Rica foi prevista nesse estudo, porque era uma forma de ligar a população à estratégia. Se os Açores trabalhassem com a Universidade dos Açores, mas também com outras universidades, nacionais ou estrangeiras, na construção de um projeto desse tipo, poderiam fazer um pouco, no fundo, como a Costa Rica fez.

Estamos no momento de estudar uma direção clara no Turismo?

Os Açores têm vindo a caminhar nesta direção sem uma estratégia, se calhar, completamente definida, mas há todo um conjunto de desenvolvimentos, em termos dos percursos pedestres, das caminhadas em terra, do processo que estão a impulsionar, em torno do mergulho e da utilização do mar... Agora, esse caminho pode ser acelerado.

Como encara o papel de associações de desenvolvimento regional como a GRATER?

Essas associações são absolutamente cruciais, porque elas têm o potencial e mesmo o dever de se assumirem como os catalisadores desta estratégia. Em Portugal, há uma certa dificuldade em discutir e consensualizar temas fundamentais ao nível das bases, das populações. Uma organização

como esta tem um papel muito importante de despertar esta discussão. No país, por vezes, damos pouco valor às discussões, que são feitas apenas no âmbito das consultas públicas, exigidas por lei e onde tudo não passa por vezes de um pró-forma.

Que palavra acredita que a região terá a dizer na economia azul e como avalia o trabalho que está a ser desenvolvido na proteção de áreas marinhas?

Vejo as duas questões como completamente ligadas. No futuro, vamos ver os dois temas, não apenas como ligados, mas como um só. Esta noção do capital natural, da natureza enquanto parte da economia, está a crescer. Os grandes bancos internacionais dizem abertamente que as novas moedas do século XXI serão moedas como a água potável, o carbono, a qualidade ambiental e do ar. É nesse sentido que, para os Açores, o que parece fundamental é não deixar destruir a riqueza que ainda existe. Quando a Fundação Oceano Azul fez, com a Fundação Waite e com a National Geographic, duas expedições a todo o arquipélago, compreendemos que os Açores estão numa encruzilhada. Chegaram a um ponto em que é importante salvar o que resta e o que resta ainda pode ser francamente enriquecedor para a economia e para a sociedade açoriana. Mas, se isto não for feito agora, daqui a 10 anos será tarde demais. O trabalho que está a

ser desenvolvido na proteção de áreas marinhas é um investimento de base para gerar o capital a partir do qual se pode explorar uma economia azul.

A nível nacional, acredita que há sensibilidade para este capital natural açoriano?

Não tenho dúvidas nenhuma que há ainda mais. Há uma coisa de que, se calhar, os açorianos não têm completa consciência, que é a mudança drástica que aconteceu no continente e nos continentais em termos de perceção do valor dos Açores. Todo este caminho que os Açores têm vindo a fazer no sentido da sustentabilidade é uma mensagem que tem passado no continente. Durante a pandemia, quando não conseguiram viajar para outros destinos mais longínquos, as pessoas procuraram passar para os Açores. É uma experiência empírica, obviamente, não estou a citar um estudo estatístico ou científico, mas a nível nacional há uma muito maior associação dos Açores a esse capital natural, do que, se calhar, há nos próprios açorianos e nos próprios Açores. Isso é uma vantagem. Há pouco tempo, duas pessoas estavam à conversa comigo. O filho deles está a trabalhar nos Açores, vão visitar o filho no mês de julho e disseram-me que estavam encantados por irem visitar o filho, que o filho estava encantado por estar a trabalhar nos Açores, mas que os hotéis iriam custar para cima de 200 euros por noite. Es-

tavam admirados como existiam esses preços nos Açores, mas, ao mesmo tempo, sabiam que os Açores estavam a desenvolver-se de uma forma muito harmoniosa e muito bem estruturada. Aceitaram, apesar de tudo, pagar o preço. Isto significa que estamos, aos poucos, a ver uma alteração profunda na maneira como o território arquipelágico dos Açores é percebido pelos que não residem nele. À medida que essa valorização e qualificação vai ocorrendo, vai aumentando a possibilidade da economia açoriana gerar um prémio. É isso que irá contribuir para criação de emprego, de bem-estar, de valor nos Açores. Não tenho dúvidas de que as áreas marinhas protegidas, uma vez instituídas, tornarão os Açores no farol da sustentabilidade do continente europeu e se calhar, num futuro não muito longínquo, os tais 200 euros não vão levantar as sobrelhas a ninguém. Para estarem num arquipélago premium, têm de pagar premium.

Neste momento, é uma questão de estratégia e de um pouco de autoestima?

E da tal discussão. Uma organização como a GRATER pode proporcioná-la. Quando falo, é para meia dúzia de pessoas, na verdade. Estas associações podem colocar estas ideias junto das comunidades, das pessoas, para que estas, por uma mudança de posicionamento e de ambição, contribuam para essa valorização.

PROJETOS EXEMPLARES

EMANUEL SILVEIRA E FILHOS. EM SÃO MATEUS

A empresa de família com grandes sonhos

A empresa “Emanuel Silveira e Filhos, Armazém de Frio, Lda”, na freguesia piscatória de São Mateus da Calheta, nasceu em 2012, mas há muito que fazia parte dos sonhos da família.

Tiago Silveira, filho de Emanuel Silveira, conta que, quando tinha uns 10 anos, já planeava transformar a peixaria num franchising. Chegou a desenhar um “projeto” no computador.

Esse sonho ainda não está concretizado, mas os produtos da empresa familiar já chegam a mercados tão afastados como o Canadá. Uma candidatura através da GRATER permitiu melhorar o espaço comercial e adquirir máquinas de gelo para cubos. A taxa de comparticipação foi de 70%, dado que seria criado um posto de trabalho, atingindo um montante de apoio de 39.497,41 euros, suportado por fundos do pro-

grama PRORURAL+.

A empresa começou pela atividade de comercialização de pescado, tendo depois evoluído para a transformação de pescado e marisco (filetes e congelados). O investimento trouxe “muitas melhorias”, como explica Tiago Silveira.

“Conseguimos fazer o embalamento a vácuo e o processo de ultracongelamento (também através de um projeto apoiado pela GRATER-MAR), com um abatedor de temperatura, para uma congelação mais rápida do produto”, diz.

Explica que, assim, os filetes de abrótea ou de alfonsim, ultracongelados, “é como se fossem frescos”.

Também através desta candidatura nasceu o produto “Fish in a Box”, que permite aos clientes levarem o pescado já preparado,



embalado em vácuo. “É chegar lá, pegar e andar”, resume.

“Os custos destes equipamentos são avultados e temos de os adquirir com algum tipo de ajuda”, sublinha.

A empresa vende unicamente pescado de captura local, mas os

planos vão além do arquipélago. Tiago Silveira mantém o sonho de criança: “O que gostávamos muito era de criar esse franchising das lojas Silveira. É um sonho, mas olhe que não está muito longe! O modelo já está a funcionar bem”.

MUSEU NA VILA DAS LAJES

“Homenagem” ao Carnaval terceirense

As danças e bailinhos de Carnaval marcam a identidade da ilha Terceira. Para quem quer conhecer esta tradição, há, na Vila das Lajes, um ponto de paragem obrigatório.

O Museu do Carnaval “Hélio Costa” apresenta esta manifestação de teatro popular numa perspetiva histórico-antropológica. Estão lá informações, trajes, objetos e gravações.

Este museu aposta numa perspetiva interativa. Em 2020, lançou uma plataforma na Internet que contém dados sobre as danças e bailinhos da ilha Terceira desde a década de 1940.

Em 2019, através de uma candidatura entregue à GRATER, um projeto para a realização de obras de ampliação, remodelação e recuperação do edifício do museu foi apoiado, a 100%, com 59.607,42 euros, através do programa PRORURAL+.

O presidente da junta de fre-



guesia, César Toste, explica que a intervenção trouxe uma nova lógica. A casa, típica do Ramo Grande, não possuía uma ligação do rés-do-chão para o primeiro piso. “Queríamos promover um projeto museológico com mais abrangência e criou-se um elemento, uma escadaria. Depois, fez-se um percurso museológico, com uma entrada, uma receção, expositores, etc”, relata.

O telhado foi requalificado, bem

como várias estruturas da casa, que se encontravam degradadas. “Tudo isto permitiu que o museu tivesse condições de contar uma história” diz.

A definição do projeto museológico, lembra, teve apoio da direção regional da Cultura.

Para César Toste, a vila ganhou um lugar onde é feita “uma homenagem ao Carnaval Terceirense”.

“É um ponto de partida, porque

o percurso museológico está feito de maneira a que as pessoas consigam ver a preparação do Carnaval, no rés-do-chão, através dos seus elementos principais, que são a costura/moda, dança, música e escrita”, descreve.

“Quando chegam ao piso superior, entram no mundo do Carnaval, nas suas tipologias, na gastronomia, no Carnaval da Diáspora e dos Açores. No final, há um vídeo-resumo”, acrescenta.

No espaço do museu nasceu, entretanto, com apoio obtido através da GRATER, uma zona lúdica/infantil. A junta de freguesia quer também reabilitar o edifício anexo, que acolhe as reservas museológicas. Aí, poderá nascer um centro educativo.

Para César Toste, a parceria com a GRATER foi valiosa: “É uma associação que tem uma visão do mundo rural. Através destes apoios, consegue trazer desenvolvimento”.

NOTÍCIAS

ABORDAGEM ANUNCIADA PELA COMISSÃO EUROPEIA

Pessoas estão no centro da nova estratégia para as RUP

Há uma nova estratégia para as Regiões Ultraperiféricas da Europa (RUP), onde se encontram os Açores. Melhorar as condições de vida dos cidadãos é a prioridade.

“As RUP (Regiões Ultraperiféricas) são uma grande vantagem para o todo da União Europeia (UE), devido à sua rica biodiversidade, extensas regiões marítimas e posição estratégica para o lançamento de satélites e para a investigação científica. Projetam a União Europeia a quilómetros do seu território. Se a União Europeia quer ser um protagonista mundial, estas regiões devem estar no centro das nossas preocupações”.

As palavras foram, a três de maio, da comissária da Coesão e Reformas, Elisa Ferreira, que apresentou a nova estratégia europeia para as RUP, nas quais se incluem os Açores.

Apesar de representarem uma mais-valia para a UE, como reconheceu Elisa Ferreira, estas são regiões onde continuam a verificar-se constrangimentos que nascem do isolamento geográfico, da dimensão da economia e da dependência de um número limitado de setores.

“Têm a mais alta taxa de desemprego da União Europeia, incluindo a taxa de desemprego



jovem que é, por vezes, o dobro ou o triplo da média europeia”, afirmou.

A nova estratégia surge com os cidadãos das RUP “no coração”, garantiu.

“Queremos melhorar as suas condições de vida. Estamos no século XXI e todos cidadãos europeus deviam ter acesso à saúde, a transporte público, a habitação, entre outras coisas”, defendeu Elisa Ferreira.

A Comissão Europeia especificou que “para além do financiamento sem precedentes para as regiões ultraperiféricas já negociado no quadro dos fundos e programas para o período 2021-2027, a Comissão está a criar, no âmbito da estratégia renovada, oportunidades específicas em muitos domínios

de intervenção da UE”.

Existirão “convites específicos à apresentação de projetos exclusivamente dedicados às regiões ultraperiféricas, por exemplo, para apoiar os jovens que aí vivem a desenvolver projetos locais e favorecer estratégias da economia azul, a inovação regional, a investigação e a biodiversidade”.

“Uma estratégia que esteja virada para o futuro, relançando o crescimento baseado nas mais-valias destas regiões e na transição digital e verde”, disse Elisa Ferreira.

Esta nova abordagem surge também para estancar os efeitos que a guerra na Ucrânia está a provocar nas RUP.

O Conselho dos Assuntos Gerais deverá adotar conclusões sobre a estratégia a 21 de junho.

QUATRO GRUPOS DE AÇÃO LOCAL DOS AÇORES

Reunião com a Direção Regional de Desenvolvimento Rural

No passado dia 19 de abril, reuniram com a Direção Regional de Desenvolvimento Rural os quatro Grupos de Ação Local dos Açores (ADELIAÇOR, ARDE, ASDEPR E GRATER).

No encontro, foi discutido o futuro do PRORURAL+ e do PEPAC.



GRATER MARCOU PRESENÇA NA AGROTER

Evento mostrou o melhor do mundo rural

Com concursos de animais, música, restauração e 60 empresas, a feira Agroter regressou, de 27 a 29 de maio, ao Parque Multisectorial da Vinha Brava.

Sempre ligada ao mundo rural, a GRATER marcou presença com um stand.

Depois de mais de dois anos de pausa, impostos pela pandemia de Covid-19, a feira marcou a chegada à Terceira dos grandes eventos.

“É um misto de revitalização do setor e também da economia da região e da ilha Terceira”, afirmou o presidente da Associação da Agricultura da Ilha Terceira (AAIT), José António Azevedo.

Na apresentação da XVIII Agroter, o líder da AAIT referiu que o evento atingiu o seu potencial máximo de utilização de espaço, ao mesmo tempo que se mantiveram critérios de qualidade.

“É uma feira para todos. Há momentos para todas as idades e, acima de tudo, é um espaço de trabalho para quem vai mostrar os seus animais, mas também de convívio no qual, quer o setor agropecuário, quer o setor da área comercial, participam. Todos os terceirenses se reveem neste convívio”, disse. No próximo ano, o mundo rural volta a mostrar o que tem de melhor.



CURIOSIDADES do mundo rural

Verde que cura



Na edição passada da revista “Olhar o Mundo Rural” vimos várias regras para cultivar ervas aromáticas, que podem ser utilizadas em receitas, chás ou licores. Agora, vamos explorar alguns dos benefícios para a saúde que estas aliadas verdes oferecem.

Pode ficar a saber, desde já, que na culinária as ervas aromáticas são uma alternativa saborosa ao sal, o que permite obter ganhos de saúde. As plantas aromáticas apresentam vitaminas e minerais, os chamados micronutrientes, que beneficiam o organismo. Têm fitoquímicos que prometem ações como inibir a ação dos radicais

livres ou ajudar a diminuir o colesterol.

Cada erva aromática vem com a sua lista própria de vantagens. A lavanda e a camomila são verdadeiras aromáticas, que podem ser utilizadas em óleos essenciais que estimulam a calma e o bem-estar.

Também a camomila ou a erva-cidreira, fáceis de cultivar ou obter em chás, são ainda ervas medicinais, que ajudam num bom processo de digestão e combatem a ansiedade.

As ervas aromáticas podem ser humildes, como a salsa, encontrada em tantos quintais. Mas saiba

que a salsa é rica em vitamina C, zinco e vitamina A, o que fortalece o sistema imunitário.

Há quem defenda que a simples salsa pode ser um auxílio para as pessoas com diabetes. As folhas verdes tornam-na também boa a afastar a anemia.

O alecrim surge com propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias, os orégãos são diuréticos e facilitam a digestão e há quem defenda que os coentros reduzem a fome.

Agora, é descobrir as suas ervas aromáticas e medicinais preferidas. A saúde e o paladar agradecem.

SMART ISLANDS

Beacons instalados na Terceira e Graciosa



No âmbito do projeto de cooperação interterritorial Azores Smart Islands que reúne os quatro GAL (Grupos de Ação Local) e os 19 municípios dos Açores, foram já colocados beacons nos três concelhos do território de intervenção da GRATER- Angra do Heroísmo, Praia da Vitória e Santa Cruz da Graciosa.

Estes pequenos dispositivos irão fazer os Açores interagirem com quem nos visita e com quem cá reside.

No centro do projeto Azores Smart Islands, desenvolvido pelas quatro associações de desenvolvimento local dos Açores (ADELIAÇOR, ARDE, ASDEPR e GRATER) está um aplicativo móvel.

A app Azores Smart Islands reúne informação sobre perto de 1000 pontos de interesse em todo o arquipélago.

PROJETO 3G

Visita ao território da ADELIAÇOR

Decorreu, nos passados dias 16 e 17 de maio, um encontro do Projeto 3G - Geoturismo, Geoeducação, Geoconservação, na ilha das Flores.

O encontro contou com 30 participantes ligados aos Grupos de

Ação Local que são parceiros de geoparques nacionais ou em vias de desenvolverem projetos desta natureza.

No decurso da visita os participantes tiveram a oportunidade de visitar alguns geossítios.

